

Atenção Psicossocial com Profissionais do Sexo: um Relato de Experiência

Roberta de Fátima Rocha Sousa

Mestra em Psicologia e Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará - UFC

robertafrsousa@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-1182-6916>

Juliana Vieira Sampaio

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Professora do Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará - UFC

julianavssampaio@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5770-244X>

Resumo

Embora a prostituição seja conhecida como a profissão mais antiga do mundo, ao longo dos anos, ela foi marginalizada e invisibilizada. Mesmo que atualmente seja regulamentada enquanto profissão, continua carregando o estigma produzido não apenas pela sociedade, mas também pelo Estado. A invisibilidade da prostituição para o Estado é percebida na ausência de políticas públicas para o enfrentamento da violência voltada a esse público específico e a ausência de indicadores de violência contra essa categoria profissional. Diante desse cenário, este artigo apresenta um relato de experiência sobre duas rodas de conversa com profissionais do sexo para criar vínculos e conhecer a história de vida das mulheres e as violências sofridas no trabalho. As ações descritas neste artigo ocorreram em uma cidade do interior do Estado do Ceará, em uma parceria entre a pós-graduação e a extensão universitária. Utilizamos os diários de campo como base para este artigo, como forma de produzir sentidos por meio dos nossos afetos. Assim, a partir do que foi experienciado, percebeu-se a importância das redes de afeto, de segurança e de proteção construídas e estabelecidas entre as profissionais do sexo nos territórios, assim como provocações para o campo da psicologia, abrindo possibilidades de debates e novas práticas pautadas no acolhimento, na promoção de saúde e no cuidado amplo para as profissionais do sexo.

Palavras-chave violência contra a mulher; profissional do sexo; políticas públicas; psicologia.

Conhecer: debate entre o público e o privado

2024, Vol. 14, nº 33

ISSN 2238-0426

DOI <https://doi.org/10.32355/2238-0426.2024.14.33.14032>

Licença Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0)

Data de submissão 17 de jul de 2024

Data de publicação 05 de ago de 2024

Psychosocial care for sex professionals: an experience report

Abstract

Although prostitution is known as the oldest profession in the world, over the years it has been marginalized and made invisible. Even though it is currently regulated as a profession, it still carries the stigma caused not only by society, but also by the State. The invisibility of prostitution for the State is noticed in the absence of public policy to address violence aimed at this specific group and the absence of indicators of violence against this professional category. Given this scenario, this article brings an experience report of two conversation circles with sex workers in order to create bonds and learn about the life history of women and the violence they suffer at work. The actions described in this article took place in a town located in the countryside of the State of Ceará, Brazil, in a partnership between graduate studies and university outreach. We used field diaries as a basis for this article, as a way of producing meanings through our affections. Thus, based on what has been experienced, the importance of networks of affection, safety, and protection built and established among sex workers in the territories has been noticed, as well as provocations for the field of psychology, opening up possibilities for debates and new practices based on embracement, health promotion, and comprehensive care for sex workers.

Key words violence against women; sex worker; public policy; psychology.

Atención psicosocial con profesionales del sexo: un reporte de experiencia

Resumen

Aunque la prostitución es reconocida como la profesión más antigua del mundo, a lo largo de los años ha sido marginada e invisibilizada. A pesar de que actualmente está regulada como profesión, aún carga con el estigma causado no solo por la sociedad, sino también por el Estado. La invisibilidad de la prostitución para el Estado se percibe en la ausencia de políticas públicas para enfrentar la violencia dirigida a este grupo específico y la ausencia de indicadores de violencia contra esta categoría profesional. Frente a este escenario, este artículo trae un relato de experiencia de dos ruedas de conversación con profesionales del sexo con el fin de crear vínculos y conocer la historia de vida de las mujeres y la violencia que sufren en el trabajo. Las acciones descritas en este artículo ocurrieron en una ciudad ubicada en el interior del Estado de Ceará, Brasil, en una alianza entre el posgrado y la extensión universitaria. Utilizamos los diarios de campo como base para este artículo, como una forma de producir significados a través de nuestros afectos. Así, a partir de lo vivido, se advierte la importancia de las redes de afecto, seguridad y protección construidas y establecidas entre las profesionales del sexo en los territorios, así como provocaciones para el campo de la psicología, abriendo posibilidades para debates y nuevas prácticas basadas en el acogimiento, la promoción de la salud y la atención integral a las profesionales del sexo.

Palabras clave violencia contra las mujeres; profesional del sexo; políticas públicas; psicología.

Soins psychosociaux avec des professionnels du sexe: un rapport d'expérience

Résumé

Bien que la prostitution soit reconnue comme la plus ancienne profession du monde, au fil des ans, elle a été marginalisée et rendue invisible. Bien qu'elle soit actuellement réglementée en tant que profession, elle continue de souffrir de la stigmatisation causée non seulement par la société, mais aussi par l'État. L'invisibilité de la prostitution pour l'État est perçue dans l'absence des politiques publiques pour faire face à la violence dirigée contre ce groupe spécifique et dans l'absence d'indicateurs de violence contre cette catégorie professionnelle. À la lumière de ce scénario, cet article présente un rapport d'expérience de deux cycles de conversation avec des professionnels du sexe afin de créer des liens et de connaître les histoires de vie des femmes et les violences qu'elles subissent au travail. Les actions décrites dans cet article ont eu lieu dans une ville située à l'intérieur de l'État du Ceará, Brésil, dans une alliance entre le troisième cycle et l'extension universitaire. Nous avons utilisé des journaux de terrain comme base pour cet article, comme un moyen de produire du sens à travers nos affects. Ainsi, à partir de ce qui a été vécu, on constate l'importance des réseaux d'affection, de sécurité et de protection construits et établis entre des professionnels du sexe sur les territoires, ainsi que des provocations pour le domaine de la psychologie, ouvrant des possibilités de débats et de nouvelles pratiques basées sur l'accueil, la promotion de la santé et les soins de santé complets des professionnels du sexe.

Mots-clés violence contre les femmes; professionnel du sexe; politiques publiques; psychologie.

Do meu jeito, fiz a minha revolução e fui em frente.
(Gabriela Leite, 2009)

Introdução

O atual cenário de violência contra a mulher e, sobretudo, a mulher que se prostitui¹, traz à tona as violências que as profissionais do sexo enfrentam, não apenas no contexto familiar e domiciliar, mas no contexto de trabalho, tendo em vista que estão expostas a clientes, cafetões/cafetinas e traficantes. Quando se fala de violência contra a mulher, há invisibilidade de determinados grupos populacionais, uma vez que nem todos conseguem a garantia de seus direitos e/ou o cumprimento das leis que os protejam e amparem.

As vivências das prostitutas são permeadas por uma série de dificuldades que comprometem a implementação de políticas públicas. No campo das políticas públicas voltadas à saúde, muitas vezes essas mulheres têm sua existência resumida à sexualidade, pois os serviços ofertados se limitam a distribuição de preservativos, oferta de laqueadura e planejamento familiar (Silva et al., 2022). Assim, elas são estigmatizadas não só pela sociedade, mas também pelo Estado, sofrendo uma série de violências institucionais.

¹ Existem diferentes termos para nomear as mulheres que exercem essa profissão: *prostituta, garota de programa, profissional do sexo, puta* etc. Optamos por utilizar o termo *prostituta* na maior parte deste artigo, pois, em contato prévio com as participantes deste estudo, é assim que elas se nomeiam. Gabriela Leite (2009) afirma que mudar o nome *prostituta* para *profissional do sexo* ou *trabalhadora do sexo* seria como um pedido de desculpas e, para esse movimento, é de fundamental importância assumir o nome e não fugir dele.

De acordo com Tabuchi e Santos (2020), ao buscarmos políticas públicas voltadas a esse público, não encontramos nada além de orientações sobre as questões relativas à sexualidade, inexistem propostas voltadas ao combate da violência contra as profissionais do sexo, além da ausência de indicadores sobre a violência sofrida por elas. Dessa maneira, comprehende-se o envolvimento tanto das dimensões culturais e simbólicas da violência contra a mulher, assim como as dimensões territoriais/urbanas e institucionais diante dessa invisibilidade por parte do Estado e da sociedade civil.

Segundo Maia et al. (2002), no cotidiano das mulheres que se prostituem estão presentes aspectos como violência e agressão física por parte dos clientes, conflitos com a polícia, ocultação da profissão para familiares e amigos, além do conflito moral com a prática do sexo comercial. Tendo em vista a importância de debater e produzir ações de cuidado para as profissionais do sexo no campo da atenção psicossocial, apresentamos, aqui, o relato de experiência da pós-graduação em parceria com a extensão universitária.

A experiência consistiu em rodas de conversas sobre violência com as profissionais do sexo em uma cidade no interior do Estado do Ceará, a partir da parceria da pesquisadora de pós-graduação com o projeto de extensão universitária do curso de Psicologia e com a associação das profissionais do sexo. Ressaltamos a importância da extensão universitária nesse processo, uma vez que, a partir de ações cujo intuito é promover autonomia e desenvolvimento social, ela foi aporte e suporte nessa experiência, dispondo de apoio nas ações extramuros, o que nos permitiu a associação entre teoria e prática no campo.

Os estudos e as pesquisas acerca dessa temática na Psicologia são relativamente recentes, o que torna este artigo um exercício ainda em curso, o qual pretendemos construir junto com as mulheres, respeitando singularidades e subjetividades.

Parcerias que sustentam a pisada no campo

Este artigo surge a partir do interesse de uma psicóloga e discente da pós-graduação sobre as vivências e violências sofridas pelas prostitutas, constituindo um estudo inédito no referido programa. A experiência proporcionou maior aproximação entre a pós-graduação e a graduação, mais especificamente com a extensão universitária. As estudantes da graduação deram maior suporte nas atividades realizadas, bem como aumentaram as possibilidades de intervenções com as profissionais do sexo. Assim, apresentamos as parcerias que possibilitaram a realização dessas atividades.

O projeto de extensão universitária está vinculado ao curso de Psicologia situado em uma cidade do interior cearense. Tendo por objetivo principal a promoção da equidade de gênero e o respeito à diversidade sexual, busca-se promover a resistência aos processos de exclusão e vulnerabilidade, por meio da potência criativa, indo contra a homogeneização e a padronização dos modos de viver, recorrendo a atividades de ensino, pesquisa e

extensão que estejam em diálogo com discentes da graduação e da pós-graduação, além da participação da comunidade externa à universidade. As ações adotadas enfocam, principalmente, a promoção dos direitos e da saúde sexual e reprodutiva, bem como discussões de gênero e sexualidade.

A Associação² surgiu em 1999, sendo registrada oficialmente nos anos 2000 como uma organização não governamental (ONG) cujo objetivo é trabalhar com os direitos e a defesa das mulheres que se prostituem, a partir de parcerias e recursos, para prevenir infecções sexualmente transmissíveis (IST) e vírus da imunodeficiência humana (*human immunodeficiency virus* [HIV]) na referida cidade. Cabe ressaltar que, no período em que foram realizadas as rodas de conversa, não havia nenhum trabalho naquele município desenvolvido por outras entidades ou políticas públicas voltadas às profissionais do sexo.

Quando a associação foi criada, mostrou-se necessário entender as especificidades dessas mulheres e a viabilidade de que accessem os serviços de saúde disponíveis no município, limitada em decorrência do preconceito sofrido. Desse modo, após a análise das demandas de atendimento e das demandas das profissionais do sexo, foram construídos potenciais espaços para a oferta de cuidado em saúde.

O apoio da Escola de Saúde da Família e dos residentes foi fundamental para realizar a busca ativa das profissionais do sexo, cadastrando tanto as casas de prostituição como suas donas. *A priori*, os atendimentos às mulheres eram realizados nas casas de prostituição e, depois de maior aproximação do serviço, que na época era o Centro de Orientação e Aconselhamento Sorológico (COAS), havia encaminhamento para a rede de atenção em saúde e outras políticas públicas. Posteriormente foi firmada uma parceria com os postos de saúde dos bairros, para os encaminhamentos e os atendimentos em casos de aborto; às vezes as equipes iam assistir essas mulheres nas casas de prostituição para, então, levá-las para serem atendidas na Santa Casa de Misericórdia.

Dessa maneira, a associação foi fundamental para que as políticas públicas, em especial a de saúde, implementassem a oferta de serviços nas casas de prostituição, com o reconhecimento dessas mulheres para além do estigma, compreendendo-as em sua totalidade (como mães, mulheres, filhas e companheiras), ou seja não apenas pela atividade laboral.

A mulher que protagonizou a criação da Associação já não se encontra à frente dela, porém, conversamos inicialmente com a atual responsável por essa ONG. Para manter a identidade dessas mulheres em sigilo, denominamos Girassol aquela que esteve à frente da entidade no início e Margarida aquela que se faz presente atualmente.

Na época da criação da associação, Girassol era manicure e costureira, morava bem próximo às casas de prostituição e, além de fazer as unhas das prostitutas, também

2 Diante da ausência do repasse de verba da Secretaria de Saúde, para manter a sede da associação, esta teve de mudar suas atividades para uma Casa de apoio.

costurava para elas. Nesses momentos de partilha, as prostitutas relatavam seus sofrimentos e suas dificuldades decorrentes do trabalho, assim, Girassol se tornou uma figura de apoio para elas, uma vez que existia uma relação de confiança e cuidado. Girassol também foi importante na intervenção que descrevemos neste artigo.

Primeiros passos e encontros

O relato de experiência, como citam Mussi et al. (2021), é uma expressão escrita de vivências e emerge como valiosa ferramenta para a construção do conhecimento em diversas áreas. Destaca-se a relevância dessa prática na discussão do conhecimento humano, que se entrelaça com o aprendizado formal e as experiências socioculturais.

Os autores também enfatizam que registrar essas experiências por meio da escrita é importante forma de possibilitar que a sociedade tenha acesso e compreenda diferentes questões, especialmente em um mundo no qual a tecnologia da informação desempenha um papel significativo. Kroeff et al. (2020) indicam que o trabalho de campo é uma estratégia essencial, pois integra proposições teóricas à experiência prática na construção de conhecimento contextualizado.

Nesse contexto, os diários de campo constituem uma valiosa ferramenta para documentar e comunicar essas experiências, tornando-as posteriormente mais acessíveis e compreensíveis para um público mais amplo.

Dessa maneira, a escrita de diários de campo foi uma estratégia importante para a produção e análise da interação e experiência realizada. Isso ocorre por meio da problematização da memória, do hábito e da criação de uma atenção voltada a modular a experiência tanto dos mediadores quanto do mundo ao seu redor.

Antes das rodas de conversa com as profissionais do sexo foram realizadas duas visitas à Casa de apoio, cujo intuito foi conhecer o funcionamento e o fluxo da associação, bem como compreender as demandas da ONG. As duas rodas de conversa ocorreram em lugares diferentes: a primeira na casa de prostituição, com as profissionais do sexo que estivessem em atividade; e a segunda na Casa de apoio, com as profissionais do sexo “aposentadas”³.

Na segunda visita, fomos convidadas a ir conhecer a casa de prostituição onde seria realizada a primeira roda de conversa, na região central de uma cidade do interior cearense.

A entrada era de um bar comum, com poucas mesas, umas três mulheres bebendo em uma das mesas na entrada, um cara meio “mal-encarado” na porta. No primeiro momento pensei ser um cliente, mas depois imaginei que pudesse ser uma espécie de segurança, pois ele ficou o tempo todo no mesmo lugar. (Diário de Campo, 24/04/2023)

3 O termo *aposentada*, nesse contexto, tem o sentido de já não exercer a prostituição.

Fomos apresentadas a uma mulher, a responsável pelo local, que nos convidou para conhecer duas casas de prostituição.

Vi o quanto [a casa de prostituição] era grande, tinha várias mesas, cadeiras e um corredor com várias portas, olhei bem rápido, pois tinham umas mulheres lá e não queria ser invasiva e que elas achassem que eu observava tudo, também tinha nesse espaço uma caixa grande, que acredito ser aquelas que as pessoas colocam moedas e escolhem as músicas [jukebox]. (Diário de Campo, 24/04/2023)

Tínhamos de escolher o local onde iríamos fazer a primeira roda de conversa, por isso precisávamos conhecer as duas casas. Cabe destacar que a segunda casa era separada da primeira por um comércio.

A entrada era bem estreita com muitos homens na entrada bebendo, minha primeira impressão é que lá era apenas um bar. Fui entrando, cumprimentando e com meio sorriso, não sabia como me comportar, mas tentando ao máximo não fazer contato visual. Um mundo de grande, muita gente acho que todas as mesas estavam ocupadas, um corredor cheio de portas e ao final uma cozinha que estava separada por um portão. (Diário de Campo, 24/04/2023)

Nessa primeira visita foi acordado o local e o dia em que ocorreria a roda de conversa.

Quando estávamos saindo, fomos abordadas por uma das mulheres perguntando sobre a coleta de exames, depois descobrimos que eram exames de IST e HIV, realizados pelo Centro de Referência em Infectologia do interior do Ceará. (Diário de Campo, 24/04/2023)

Percebemos, durante as visitas à associação, e a partir dos diálogos com a liderança, bem como nessa visita à casa de prostituição, que as profissionais do sexo não acessavam os dispositivos de saúde local, o que, na ocasião, chamou nossa atenção. Ao mesmo tempo, entendemos que o questionamento sobre a testagem indica a demanda e a conscientização das profissionais do sexo sobre a importância dos cuidados relativos à saúde sexual.

Os estigmas sociais e julgamentos morais dos profissionais da saúde, muitas vezes, afastam essas mulheres dos equipamentos de saúde. É de extrema importância a mudança de conduta dos profissionais, não apenas da saúde, mas também da segurança

e da assistência social, para que se mostrem capacitados para acolher e proporcionar encaminhamentos e orientações de modo humanizado e acolhedor (Maciel et al., 2020).

Esse primeiro contato com o campo foi um momento de muita potência e atravessamentos, um sentir/encarnar aquilo que antes era apenas teoria, mas que agora se tornou prática.

Tecendo laços e afetos

Penso que antes de relatar esse momento, preciso dizer como me sinto, fui tentando dar vazão enquanto preparava o material, o lanche; era meu primeiro contato com as profissionais do sexo, tentei colocar meus afetos em toda a preparação, na escolha dos bolo, os saquinhos com os biscoitos, os lacinhos, os sucos. Percebi que queria levar um pouco de mim naquele momento, era uma forma de demonstrar algum tipo de cuidado! (Diário de Campo, 17/05/2023)

Primeira roda de conversa

A primeira roda de conversa ocorreu no dia 17 de maio de 2023 às 10:00. Vale ressaltar que as ações foram planejadas e estruturadas previamente: as responsáveis pela organização da ação, 1 mestrande e 5 extensionistas, chegaram mais cedo para se ambientarem no local. No entanto, no dia anterior à ação, as responsáveis foram notificadas de que, além da roda de conversa, haveria a presença dos profissionais do Centro de Referência do interior cearense.

Mostrou-se necessária, então, uma reorganização e estruturação da ação, uma vez que a equipe do Centro de Referência realizaria testes de HIV e hepatite B, o que poderia ser um potencial disparador de reações emocionais e dispersão do grupo de prostitutas. Mesmo diante do imprevisto, esse momento assumiu grande importância, visto que possibilitou perceber o impacto da testagem de IST na vida de uma profissional do sexo e, também, a potencialidade de uma ação articulada com outros serviços.

Assim, ao invés de um círculo, como havíamos planejado, as mulheres foram convidadas a se organizarem em formato de meia-lua, o que facilitaria o fluxo durante a testagem.

Inicialmente, a liderança da associação apresentou as responsáveis pela ação, de modo a criar vinculação; posteriormente, todas foram convidadas a se apresentarem e explicou-se a dinâmica da roda de conversa, pensada para propiciar um momento de diálogo em conjunto, sem seguir necessariamente roteiros de ação.

Organizamos no chão algumas palavras-chave disparadoras pré-estabelecidas: *família, violência, trabalho, medos, álcool e/ou outras drogas, preconceito, direitos, mulher, sexo* e

autoestima. Depois disso se pediu que as mulheres dialogassem sobre o significado das palavras para elas e solicitou-se que escolhessem uma palavra mais importante naquele momento.

As mulheres formaram pequenos grupos em torno da palavra escolhida, nesse momento uma delas pediu que as palavras fossem lidas em voz alta, pois não sabia ler. Quando a palavra *preconceito* foi lida, ela perguntou o que significava, explicou-se que era quando ela sentia que alguém olhava diferente para ela ou quando ela se sentia rejeitada por ser uma profissional do sexo. Ela afirmou imediatamente que essa era a sua palavra.

No total, nesse referido dia, passaram pela casa de prostituição cerca de 40 mulheres, sendo que 15 permaneceram na roda de conversa. Vale ressaltar que a maioria dessas mulheres só ficava na roda enquanto aguardava ser chamada para realizar o teste. Dentre as presentes se observou que não tinham Ensino Médio completo, algumas nem chegaram a concluir o Ensino Fundamental, 1 não era alfabetizada e apenas 3 eram nascidas naquela cidade (as demais vinham de cidades vizinhas).

As palavras disparadoras mais escolhidas foram: *mulher*, *medo*, *preconceito* e *violência*. O Quadro 1 sintetiza as falas das mulheres sobre a palavra que elegeram como significativa naquele momento.

Quadro 1 – Síntese das falas sobre as palavras escolhidas

MULHER	Não se sentem inferiores a outras mulheres pelo fato de serem profissionais do sexo, pois é de lá que tiram o seu sustento e, muitas vezes, da família inteira.
MEDO	Medo da família descobrir que são profissionais do sexo; medo de não conquistarem seus sonhos.
PRECONCEITO	Percebem o preconceito das outras pessoas em relação ao seu trabalho e ao modo como se vestem e, por isso, “não são convidadas para nada”.
VIOLÊNCIA	Seus corpos não são respeitados, os clientes se sentem no direito de cometer violência física pelo fato de estarem pagando.

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebem-se nas narrativas os sentimentos de *invisibilidade* e *não lugar*, como se, de alguma maneira, o fato de serem profissionais do sexo não lhes desse o direito de conviverem com as outras pessoas nos mesmos espaços. Monique Prada (2018, p. 35) afirma que “a sociedade quer que fiquemos no lugar que ela nos reservou, o único espaço possível para mulheres como nós: o espaço da precariedade, da exclusão, da marginalidade, da clandestinidade, da violência”.

Durante toda a duração da roda de conversa fomos interrompidas pela equipe que realizava a testagem, o que dificultou a nossa condução, pois as mulheres acabavam

dispersando e, algumas, após a testagem, não retornavam para a roda de conversa. Entretanto, o espaço de diálogo criado possibilitou que uma das mulheres pedisse a fala para solicitar que a equipe que estava realizando a testagem fosse mais vezes na casa de prostituição, tanto para fazer as coletas quanto para distribuir preservativos, testes rápidos e medicações, e que essa demanda não era exclusivamente dela, mas de todas as mulheres que estavam ali.

Elas indicaram que se sentiam mais seguras sendo atendidas na casa de prostituição, uma vez que ali estavam livres de julgamentos e preconceitos; além disso, ir ao equipamento de saúde demandava muito tempo, prejudicando o trabalho. Em resposta à fala da mulher, a equipe de testagem afirmou que a demanda não poderia ser atendida, uma vez que não era possível levar as medicações e que elas precisariam entender que não eram “prioridade por lei”, assim, teriam de esperar atendimento como qualquer outra pessoa.

Finalizamos esse momento com um lanche que preparamos, momento no qual não houve muita interação com as profissionais do sexo, uma vez que elas verbalizaram que precisavam trabalhar, de modo que foram pegando o lanche e saindo.

A experiência da primeira roda de conversa indicou que os serviços públicos precisam compreender o peso do estigma e o tempo que essas mulheres levam para decidir procurar os equipamentos, uma vez que já carregam o peso e o medo de serem julgadas por quem as deveria acolher. Percebemos, ao longo dessa atividade, que, para elas, seria melhor receberem atendimento na casa de prostituição, onde se sentem seguras, o que nos faz pensar na falta de flexibilidade dos serviços de saúde e a quem eles servem.

A atividade de extensão foi inicialmente planejada para discutir as diferentes violências sofridas pelas profissionais do sexo no ambiente de trabalho, porém, a experiência indicou que a violência institucional é uma a mais que essas mulheres precisam enfrentar em seu cotidiano. Butler (2015) diz que algumas vidas são vistas como menos dignas e a elas são distribuídas diferencialmente proteção e violência, demarcando quais importam e quais não.

Segunda roda de conversa

Esse segundo momento ocorreu no dia 24 de maio de 2023, na Casa de apoio localizada no interior cearense, e estava programado para iniciar às 15:00. O objetivo desse encontro tinha o mesmo propósito do anterior, ou seja, criar vínculos e conhecer a história de vida das mulheres e as violências sofridas no trabalho. A segunda roda de conversa foi realizada com mulheres que já não se prostituíam. Para esse momento, planejamos uma fala livre, para que cada uma pudesse se apresentar e contar um pouco da sua história. Diferente da primeira roda de conversa, realizada na casa de prostituição, na qual utilizamos apenas palavras-chave para mediar a conversa, nesse segundo momento recorremos à atividade

denominada *árvore dos sonhos*, que consiste em escrever, em uma tarjeta de papel, seus sonhos, para, na sequência, pregar em uma árvore de papel previamente recortada.

A atividade envolveu 12 mulheres, sendo 1 mulher trans e 2 mulheres que ainda atuavam como profissionais do sexo (uma delas também estava na primeira roda de conversa). Dentre essas 12 mulheres, 6 eram negras, nenhuma tinha Ensino Médio completo, 3 não sabiam ler nem escrever e apenas 1 recebia aposentadoria pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

A roda de conversa foi mediada pela mestrande e uma extensionista. A liderança da associação abriu o momento com uma fala, por meio da qual ela nos apresentou e explicou que estávamos fazendo algumas atividades voltadas às profissionais do sexo. Em seguida, nós nos apresentamos e pedimos que cada uma fosse se apresentando e falando um pouco sobre sua história de vida.

Quando abrimos para as falas, as narrativas começaram a se entrecruzar com as das outras mulheres e, em poucos instantes, percebemos que o que era para ser uma fala individual se tornou uma fala coletiva, pois algumas dessas mulheres exerciam a prostituição no mesmo período. Palavras como *violência*, *rede de proteção*, *família*, *preconceito* e *religiosidade* ganharam muitas formas a partir dessas falas. O Quadro 2 as sintetiza.

Quadro 2 – Palavras que marcaram as histórias de vida

VIOLÊNCIA	Episódios de violência doméstica.
REDE DE PROTEÇÃO	Elas cuidavam e protegiam umas às outras, também citando a liderança da Associação, que, muitas vezes, ofertou proteção e cuidado.
FAMÍLIA	Orgulho da família que haviam constituído (filhos, netos).
PRECONCEITO	Mesmo já não exercendo a profissão, ainda são chamadas de “rapariga” (termo regional para designar prostituta).
RELIGIÃO	Suporte para sair da prostituição.

Fonte: Elaborado pela autora.

Compreendemos esse momento como uma grande contação de histórias, na qual as mulheres precisaram não só revisitar suas memórias, mas também recontá-las a partir de outros elementos trazidos no momento. Sousa e Cabral (2015) afirmam que, a partir do caráter flexível da memória, a qual é tecida na relação com o outro, há a possibilidade dos sujeitos refazerm suas histórias partindo de suas lembranças, resistindo, de alguma maneira, àquilo que os incomoda, sendo cercados de certa fantasia, acrescentando aos fatos aquilo que desejariam que tivesse sido diferente. A partir das narrativas surgem

processos de ressignificação e reelaboração, o que remete a estabelecer uma nova relação com a narrativa.

Nesses relatos apareceram discursos sobre como elas começaram a trabalhar na prostituição. Uma mulher relatou que foi por escolha, pois gostava de sexo; as demais relataram que as condições financeiras e a ausência de melhores oportunidades foram fatores decisivos para começar a trabalhar na prostituição, pois, quando havia outra opção, era apenas para realizar trabalho doméstico. Vergès (2020) fala sobre o trabalho doméstico como parte daquilo que as mulheres devem fazer; além disso, aponta a invisibilidade e o surgimento de vidas descartáveis a partir do capitalismo. Trata-se de um trabalho produzido, em sua maioria, por mulheres racializadas, o que reflete sua definição como trabalho cuja finalidade é manter ou aumentar a liberdade de outras pessoas.

Embora o trabalho doméstico não seja enfocado neste artigo, deve-se analisar como emerge de modo recorrente nos discursos dessas mulheres, inclusive a partir de uma perspectiva crítica. Elas relataram que não desejavam colocar-se em um lugar de servidão, com baixos salários, isso fez com que grande parte delas buscasse na prostituição melhores condições financeiras e de vida. Como apontado por Federici (2017), o fato das mulheres receberem metade da remuneração dos homens para realizar a mesma tarefa se tornou um dos grandes responsáveis pela expansão da prostituição.

Basicamente, quero dizer é que nós, trabalhadoras sexuais, na maioria das vezes somos apenas mulheres de origem humilde tentando escapar da pobreza. Em algum momento de nossa vida, o trabalho sexual – com todas as suas questões e a opressão que lhe é inerente – nos surgiu como uma boa opção, como a melhor possível entre poucas disponíveis. Cada uma de nós o exerce por motivos diferentes, e a maioria deles está ligado a questões financeiras (Prada, 2018, p. 102).

Depois desse momento de compartilhamento de suas histórias, distribuímos tarjetas de papel e caneta para que elas escrevessem seus sonhos e pregassem na nossa árvore dos sonhos; aquelas que não sabiam escrever foram ajudadas pelas mediadoras. Dentre os sonhos escritos, surgiram: proporcionar saúde para a família, ganhar na Mega-Sena (o sonho da maioria), livrar a família da condenação eterna e proporcionar saúde para o companheiro. Percebeu-se que falar sobre os sonhos para si era algo secundário em comparação com os sonhos que contemplavam para suas famílias e/ou seus entes queridos.

Finalizamos esse momento com um café preparado pela liderança da associação, mesmo dando continuidade ao encontro, pois a contação de histórias seguiu em frente; além disso, as mulheres pediram que encontros como aquele acontecessem mais vezes.

Considerações finais

Compreendemos a grandeza dos momentos vivenciados a partir dessas experiências, as quais contaram não apenas com aquilo que foi dividido com essas mulheres, mas também com toda a preparação anterior, que envolveu as visitas à Associação, à casa de prostituição e as reuniões de grupo entre pós-graduação e extensão para a preparação de tais momentos. Nos reunimos ao momento posterior às rodas de conversa para compartilhar nossas impressões e angústias provocadas pelo campo, assim, todas compartilhamos a mesma sensação diante da impotência imposta pelos limites: até onde poderíamos ir?

Estar no campo é, sobretudo, estar atentas às convocações que, muitas vezes, foram simbólicas: *“Queria conversar com você?”*; *“Você é mãe?”*; *“Você pode explicar o significado dessa palavra?”*; *“Quando vocês vêm de novo?”*.

Percebeu-se, nos dois momentos, que, mesmo com planejamento prévio, não foi possível cumprir nosso propósito como estava planejado “no papel”, o que entendemos como uma forma de produção de sentidos do campo, que não foram os nossos sentidos, mas os daquelas mulheres. Elas foram dando outro contorno a partir do momento em que demonstraram não apenas desejo, mas disponibilidade de fala. As duas rodas de conversa ultrapassaram o tempo que havia sido combinado, por isso sentimos o quanto é necessário proporcionar esses espaços de trocas, os quais não são ofertados pelas políticas públicas. Compreendemos que as redes de afeto, de segurança e de proteção são estabelecidas entre essas mulheres, uma vez que, na maioria dos casos, as famílias não sabem que elas se prostituem.

Dessa maneira, compreendemos que este artigo pode contribuir para maior aproximação e incentivo da Psicologia no que se refere ao debate sobre esse tema, bem como pode produzir novas práticas pautadas no acolhimento, na promoção da saúde e no cuidado amplo voltado a essas mulheres.

Finalizamos este relato refletindo sobre a fala de Sojourner Truth: *“e eu não sou uma mulher?”* (Hooks, 2019); uma mulher igual a nós, que escrevemos este artigo, mas não como nós, não falamos do mesmo lugar, mas sentimos que, ao dividirmos esses espaços de partilha, sentimos “com elas” sensações disparadas a partir das narrativas das palavras escolhidas: *sonhos, amor, preconceitos, dinheiro, família, violência e esperança* se entrelaçam. Temos muito a fazer nesse lugar, compreendemos que aquilo que nos atravessa e nos mobiliza também se torna nosso, é da nossa conta e, assim, vemos como uma convocação do campo, não se tratando de fazer “para”, mas de fazer “com” – caminhos que a Psicologia nos permite percorrer. Trata-se de um fazer para além do *setting*, é um chegar junto e, a partir da necessidade apresentada, propor estratégias que façam sentido para essas mulheres.

Referências bibliográficas

- Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.* Elefante.
- Hooks, B. (2019). *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo.* Rosa dos Tempos.
- Kroeff, R. F. S., Gavillon, P. Q., & Ramm, L. V. (2020). Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2(2), 525-579.
- Leite, G. (2009). *Filha, mãe, avó e puta.* Objetiva.
- Maciel, L., Schneider, J., Chambart, D., & Grassi-Oliveira, R. (2020). Percepções de profissionais sobre atendimentos em saúde para mulheres usuárias de crack. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-14.
- Maia, M. B., Chacham, A. S., & Lopes, A. F. C. (2002). Profissionais do sexo e saúde. *Jornal da Rede Feminista de Saúde*, 25, 13-17.
- Moira, A. (2018). *E se eu fosse pura.* Hoo.
- Mussi, R., Flores, F., & Almeida, C. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista Práxis Educacional*, 17(48) 60-77.
- Prada, M. (2018). *Putafeminista.* Veneta.
- Silva, L. B., Sampaio, J. V., & Méllo, R. P. (2022). “Cuida!”: práticas de cuidado em saúde com mulheres trabalhadoras do sexo. *Revista Polis e Psique*, 12(1), 267-291.
- Sousa, M. G. S., & Cabral, C. L. O. (2015). A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, 33(2), 149-163.
- Tabuchi, M., & Santos, A. (2020). Violência e prostituição: reflexões acerca da omissão estatal no Brasil. *Captura Críptica*, 9(1), 75-89.
- Vergès, F. (2020). *Um feminismo decolonial.* Ubu.

Para citar este artigo

Norma ABNT

SOUZA, R. Atenção psicossocial com profissionais do sexo: um relato de experiência. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, v. 15, n. 33, p. 106-120, 2025.

Norma APA

Sousa, R. (2025). Atenção psicossocial com profissionais do sexo: um relato de experiência. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 15(33), 106-120.

Norma Vancouver

Sousa R. Atenção psicossocial com profissionais do sexo: um relato de experiência. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 15(33):106-120, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/14032>